

Resenha

A síndrome de Babel e a disputa do poder global, por José Luís Fiori. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. ISBN-10: 6557130498. ISBN-13: 978-6557130490

DOI: 10.29327/252935.12.2-11

Resenhista:

Glauber Lopes Xavier¹

Programa de Pós-Graduação TECCER

Universidade Estadual de Goiás

Goiânia – Goiás - Brasil

Recebido: 1/07/2021

Aprovado: 23/08/2021

DOI: <https://doi.org/10.29327/252935.12.2-11>

Veio a lume, em 2020, mais uma obra de José Luís Fiori. Dividida em duas partes, Transformações mundiais e Brasil e a América Latina, a obra possui 42 artigos curtos. Segundo sua análise, as novas diretrizes da política externa estadunidense conformam uma estratégia de dominação global militar e abandonam os princípios que conduziram a diplomacia dos Estados Unidos ao longo do século XX, a saber: o ideário liberal, a democracia e os direitos humanos, basicamente. Para ilustrar essa mudança, Fiori toma por ilustração o episódio bíblico em torno da chamada torre de Babel.

Seu raciocínio, em linhas gerais, é o seguinte: após determinado país ter conquistado a hegemonia e, portanto, reunido poderes econômicos, militares e ideológicos em torno de seu projeto global de poder, ele se encarrega de destruir os pilares que garantiram sua ascensão em face da disputa com outros Estados Nacionais que porventura estejam perseguindo a mesma trajetória e, adrede, poderão entrar na disputa pela hegemonia.

Aparentemente paradoxal, essa mudança não possui nada de irracional. Em certa medida, ela se aproxima da chamada “armadilha de Tucídides” que, segundo Allison (2020) poderá resultar em conflitos militares entre Os Estados Unidos e a China. Diante da ascensão do segundo, bem como do crescimento econômico de outros países, principalmente da Rússia, os Estados Unidos, sob a presidência de Donald Trump, colocaram em prática a política do *american first*, o que implicou no paulatino abandono das relações multilaterais, na adoção de po-

¹ glauberlx@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7905-4962>

líticas comerciais protecionistas e na evidente disputa tecnológica com a China, principalmente.

Além disso, eles promoveram intervenções indiretas em vários países, o que está sendo denominado de “guerras híbridas”, as quais dispensam o uso da força, da violência e do golpe explícito. Fiori aponta que, por trás das novas diretrizes da política externa estadunidense, residem ideologias anti-globalistas e religiosas, as quais têm encontrado respaldo em outros países e fornecem o substrato para as ofensivas militares por parte dos Estados Unidos.

Sabe-se, e o autor coloca isto muito bem, que a questão do petróleo é crucial na dinâmica da geopolítica mundial. Conforme ele enfatiza, 15 das 20 maiores petroleiras do mundo são empresas estatais, de sorte que o controle desta *commodity* é exercido fundamentalmente pelos seus respectivos governos. As novas alianças que têm sido forjadas a partir da ascensão da China e da recuperação da Rússia, algumas destas envolvendo países com significativas reservas do produto, têm alterado o tabuleiro da geopolítica global.

O expressivo crescimento econômico chinês, ademais do indiano e da rápida recuperação russa, cujo fim da União Soviética e a adoção de políticas liberais resultou em uma grave crise econômica e social, engendraram novos arranjos diplomáticos, comerciais e militares, o que estabelece um conturbado cenário geoeconômico e geopolítico para os Estados Unidos. Daí a destruição da torre de Babel, a qual construíram e por meio da qual alcançaram incontestemente hegemonia econômica e militar pós fim da Guerra Fria.

Na segunda parte da obra, Fiori aborda especificamente as transformações em curso na América Latina e, especialmente, no Brasil. Ele aponta a histórica fragilidade política e econômica dos países que constituem essa parcela do continente e ressalta os movimentos pendulares na ascensão e na queda de governos progressistas na região. O autor enfatiza, sobretudo, os resultados deletérios das políticas neoliberais levadas a efeito durante os anos 1990 e cita, como exemplo, os casos chileno e argentino.

Acerca do modelo chileno, sob a ditadura Pinochet, constante e insistentemente evocado pelos neoliberais como *case* de sucesso, o país obteve pífios níveis de crescimento e viu a pobreza e o desemprego aumentarem substancialmente. Privatizações, desregulamentação de mercados, liberalização comercial e monetária promoveram um drama social imenso, cujos desdobramentos políticos têm sido as reiteradas manifestações populares e, mais recentemente, o encaminhamento de uma constituinte.

Como rechaço aos efeitos nefastos do neoliberalismo, forças de centro-esquerda chegaram ao poder em diversos países da América Latina a partir do início do século XXI. Alguns mais radicais, outros menos, esses governos buscaram reverter o drama social provocado pelas políticas neoliberais, implementando políticas sociais distributivas e, no tocante à política externa, promoveram o estreitamento dos laços diplomáticos entre os vizinhos da porção sul continental.

Após um período de relativa estabilidade, crises econômicas e políticas, contudo, levaram ao declínio das forças de centro-esquerda e conformaram o ambiente propício para a ascensão da direita e da extrema-direita, como foi o caso do Brasil. Fiori não deixa de considerar a decisiva participação do governo estadunidense nos processos que levaram à queda dos governos de centro-esquerda em alguns países latino-americanos. No caso do Brasil, o golpe visava, sobretudo, facilitar o acesso ao petróleo por meio de parcerias entre a Petrobrás e empresas estadunidenses.

Com efeito, Fiori não deixa dúvidas ao leitor em relação ao fato de que os processos políticos recentes na América Latina possuem nexos com as transformações geopolíticas globais em curso, acompanhando diversos estudiosos sobre o assunto, como Prashad (2020) e Boron (2020). Nas palavras de Boron (2020, p. 132):

Os ‘golpes brandos’ contra Mel Zelaya, Fernando Lugo e, agora, Dilma Rousseff, tiveram como atores principais juízes ‘independentes’, uma turba de legisladores fanáticos em níveis poucas vezes visto na região e a oligarquia midiática, coordenada de Washington, difamando sem trégua os citados chefes de Estado e manipulando a população com uma lista interminável de mentiras que, no fim, conseguiram criar um ‘clima de opinião’ favorável ao golpe.

Fiori aponta que tudo indica que a permanência das forças de direita nestes países terá vida curta, a considerar os resultados econômicos insuficientes e o agravamento dos problemas sociais, como pobreza e desemprego. Isto, pelo menos, foi o que se passou no México, na Argentina e na Bolívia, onde foram eleitos presidentes críticos às políticas neoliberais.

Por fim, registre-se apenas o fato de que a obra não dispõe de um debate teórico aprofundado, salvo algumas referências. Seu autor possui, todavia, um “álibi”, afinal de contas o livro reúne análises conjunturais cuja qualidade de que são investidas somente foi possível graças a um denso trabalho teórico que, há décadas, Fiori tem realizado e que resultou em diversas outras publicações.

Referências

ALLINSON, Graham. 2020. **A caminho da guerra: Estados Unidos e China conseguirão escapar da armadilha de Tucídides?** Rio de Janeiro: Intrínseca.

BORON, Atilio. 2020. Notas sobre a atualidade do imperialismo e a nova estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos. *In: LÓPEZ, Emiliano (org.). **As veias do Sul continuam abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo.*** São Paulo: Expressão Popular, 95-140.

FIORI, José Luís. 2020. **A síndrome de Babel e a disputa do poder global.** Petrópolis, RJ: Vozes.

PRASHAD, Vijay. 2020. **Balas de Washington: uma história da CIA, golpes e assassinatos.** São Paulo: Expressão Popular.